



ÓRGÃO DE UNIDADE DOS CAMPONESES DO SUL

**Lutemos por um aumento
geral de jorna de 10\$00**

Fazendo amplas reuniões de trabalhadores para organizarmos a nossa luta, constituindo Comissões de Unidade que orientem e coordenem a luta entre os trabalhadores das várias terras de cada região, a vitória será mais fácil e mais rápida.

OS RANCHOS CONTRATADOS PARA FORA E A NOSSA LUTA ORGANIZADA

A «rec onv ersão agrária» tão apre-etc. Para estas regiões deslocam-se, nos começos da Primavera, milhares de trabalhadores, em grandes ranchos, contratados por 3-4-5 meses.

O trabalho nas proximidades da maioria das nossas terras escasseia; se queremos trabalhar temos de nos deslocar. Hoje, a deslocação de milhares de trabalhadores para as regiões dos regadios domina cada vez

mais os trabalhos do campo. A deslocação de ranchos de uma região para outra tornou-se prática corrente. Nos começos da Primavera os agrários e os grandes seareiros vão ou mandam os seus capatazes contratar pessoal para a cultura do tomate, do arroz e outras. De acordo com isto é necessário sabermos organizar a luta, e nesse sentido impõe-se como tarefa:

Organizar a luta antes de partir

Como todos sabemos os patrões procuram sempre pagar o menos possível e arrastar ao máximo as

condições de trabalho. O interesse dos patrões é que os trabalhadores

(continua na 3.ª pág.)

Alerta trabalhadores!

O salazarismo prepara a deportação DE PRESOS POLÍTICOS PARA O TARRAFAL

Em 25 de Setembro a imprensa diária publicou uma pequena notícia, muito escondida nas páginas interiores, em que anunciava prever o governo a deportação de presos políticos para o Tarrafal, ilha que fica no Arquipélago de Cabo Verde, e onde estão sepultadas

muitas dezenas de patriotas portugueses. Forçado pela luta do nosso povo, o salazarismo foi obrigado, anos atrás, a encerrar o Tarrafal. Porém, com o começo das guerras coloniais, ele reabriu-o para atirar para lá com centenas de patriotas africanos, entre os quais se encontra Luandino Vieira condenado a 14 anos e «medidas de segurança».

Sentindo crescer o seu isolamento, o salazarismo refina cada vez mais a sua política de terror contra as forças democráticas. Nos seus propósitos criminosos, o salazarismo visa, sobretudo, o desterro dos valorosos filhos do povo português, como Pires Jorge, eng. Blanqui Teixeira, Octávio Paço, António Dias Lourenço, Carlos Costa, José Magro, Afonso Gregório, Carlos

(continua na 4.ª Pág.)

FORA COM OS MERCENÁRIOS

Desmascarada a presença de mercenários que, ao serviço de Tschombé, estavam a ser treinados nas localidades de Henrique de Carvalho e Vila Luso, em Angola, para desencadear alterações da ordem no Congo e apresentada queixa pelo delegado da República do Congo (Kinshasa) no Conselho de Segurança da ONU contra este facto, o

governo fascista de Salazar apressou-se a transferi-los para Portugal, espalhando-os por vilas e cidades.

Esta chusma de assassinos profissionais, na sua maioria belgas, nada têm de comum com o proletariado belga ou dos outros povos de onde são naturais. Eles são recrutados na escola do crime dos

AS NOSSAS LUTAS E OS NOSSOS PROBLEMAS

Em quase todo o Alto Alentejo, logo no início da apanha da azeitona os homens e mulheres conquistaram as jornas de 40\$00 e 24\$00 respectivamente. O ano passado as jornas foram de 35\$00 para homens e 20\$00 para mulheres.

— Os vindimadores e vindimadoras da região de Palmela conquistaram jornas de 64\$00 e 30\$00 respectivamente.

Os podadores de vinhas exigiram e conquistaram a jorna de 45\$00 por dia. O ano passado as jornas foram de 40\$00 e no ano anterior de 35\$00.

ORGANIZEMOS A LUTA POR AUMENTO DE JORNA

Aproximam-se os trabalhos das esgalhas, tiragem de cortiça à falca, carvoarias e apanha do pinhão. Qualquer destes trabalhos são violentísimos e forçam, a quem os executa, a dispendir grandes esforços físicos e um maior desgaste de vestuário. As jornas que os patrões nos pagam não chegam para nos alimentarmos e vestirmos convenientemente. Eles não querem saber que tenhamos de andar 8 horas com um machado ou gravato na mão, a subir e a descer árvores, empoleirados de pernada em pernada a cortar, a derrubar pinhas e carregando madeiros às costas.

O ano passado, com a nossa luta organizada, conquistámos jornas de 40\$00, 50\$00, 40\$00 e 60\$00 o que correspondeu a um aumento de jorna de 10\$00 e nalgumas regiões de 15\$00 em relação ao ano anterior. Estes aumentos estão ultrapassados pelo aumento do custo de vida. É necessário que comecemos imediatamente a organizar a luta por novos aumentos de jorna, fazendo reuniões de trabalhadores para combinarmos as formas de luta a seguir e de fazermos chegar as palavras de ordem a todas as terras de cada região de que ninguém deve cortar, tirar cortiça à falca, carregar madeiros e colher pinhas por menos de 50\$00, 60\$00, 50\$00 e 70\$00 respectivamente.

Como sempre acontece, quando lutamos pela satisfação das nossas reivindicações, a vitória não vai ser fácil. Mas se seguirmos o exemplo do ano passado dos cortadores de Montemor, dos tiradores de cortiça à falca de S. Tiago do Escoural, S. Sebastião, Boa Fé e Ribeira Brava, que ameaçaram abandonar o trabalho e se recusaram a pegar enquanto não fossem satisfeitas as suas rei-

vindicações, venceremos.

Se fizermos **amplas reuniões** de trabalhadores para organizarmos a nossa luta, constituirmos Comissões de Unidade em todas as terras e ranchos com homens e mulheres dispostos a irem falar com os trabalhadores das comissões de outras terras e de outros ranchos para com-

binar a acção a desenvolver, a nossa vitória será mais fácil e mais rápida.

Mãos à obra companheiros: Por **amplas reuniões** de trabalhadores, pela constituição de Comissões de Unidade e pela luta **unida, organizada e firme** pela conquista de um aumento de jorna de 10\$00:

FORA COM OS MERCENÁRIOS

(continuação de 1.ª pág.)

países capitalistas por governos fascistas que, para se assenhorearem ou manterem no poder contra a vontade do povo, não hesitam em recorrer a esta escumalha de criminosos para sufocar com o sangue os anseios democráticos dos povos oprimidos.

De Évora, onde se hospedaram no hotel Planície, 30 desses mercenários, de Montemor-o-Novo, na pensão «O Monte Alentejano», de Beja, de Faro, no hotel «Faro», de Portimão, nas pensões residenciais, «Mira-Sol» e «Pensão Sol», onde se hospedaram uns 14, chegaram-nos informações de provocações e desordens provocadas por esses bandos de bêbados, desordeiros e criminosos, que trazem as algibeiras cheias de contos de réis roubados ao povo trabalhador dos governos que criminosamente os sustentam.

No nosso próprio país, nas nossas próprias terras, onde nascemos e vivemos do nosso trabalho, nos cafés que há anos e anos frequentamos, somos insultados por estes bandidos sem pátria. As nossas mães, esposas, filhas e irmãs fazem propostas desonestas, como aconteceram em Beja e Montemor, onde punxaram de uma pistola metralhadora

quando um grupo de homens os pretendeu pôr na ordem.

Que se podia esperar da posição dos assassinos dos patriotas José Adelino dos Santos, de Montemor, e de Catarina Eufémia, de Baleizão, quando foi pedida a sua intervenção, além da de um encolher de ombros e a de dizerem «que eles são irresponsáveis e perigosos»? Nada mais se podia esperar de quem, como os mercenários, assassinos de Lumumba e outros, têm as mãos manchadas do sangue dos patriotas por eles assassinados.

Temos que ser nós a encabeçar acções enérgicas de forma a aplicar correctivos oportunos a essa chusma de assassinos.

Não permitamos que eles nós insultem e atentem contra a dignidade das mulheres da nossa terra.

Demonstremo-lhes o nosso desprezo saindo dos cafés, pensões e outros estabelecimentos quando eles entrarem.

Com manifestações e concentrações junto dos governos civis, das Câmaras e das autoridades locais, exijamos a saída imediata dos mercenários das nossas terras.

Com inscrições nas paredes, nas estradas e onde for possível escrevamos: **FORA COM OS MERCENÁRIOS! ABAIXO O FASCISMO!**

OPERÁRIOS AGRÍCOLAS!

EXIJAMOS O ABONO DE FAMÍLIA

De todos os sectores profissionais, o operariado agrícola é o único que não recebe abono de família. Porque razão os operários industriais o recebem e nós não? A razão é só uma, e nada tem a ver com a justiça ou o direito: é porque eles o conquistaram há muito com a sua luta e nós ainda não fizemos o bastante para isso. Chegou a hora de o fazermos, com coragem e decisão.

Na própria Assembleia Nacional, os deputados fascistas «pedem» a concessão do abono de família ao trabalhador agrícola. Na sessão de 11/12/66, disse, por exemplo, o deputado Santos da Cunha: «Creio que neste momento mais do que nunca se impõe a promulgação de medidas de ordem social que prendam o homem ao campo... essas medidas não podem ser outas senão as de estender ao trabalhador rural todo o esquema de previdência, a começar pela concessão do abono de família que tem um efeito imediato e psicológico verdadeiramente insubstituível. Nada de ilusões: abono de família à frente de todas as regalias».

Nada de ilusões, dizemos nós também. Conhecemos suficientemente os deputados de Salazar para não nos deixarmos iludir pela sua linguagem hipócrita. Eles falam de «regalias», mas todos sabemos que tais presentes do regime nunca os tivemos, que tudo aquilo que

temos tem sido conquistado por nós, conseguido à custa da nossa luta diária, unida e organizada. Não será o fascismo que nos dará o abono de família, se à sua espera cruzarmos os braços.

Operários agrícolas: criemos Comissões de Unidade em todas as terras e ranchos; façamos reuniões amplas para discutir as acções a realizar. Abaixo-assinados, concentrações junto das Casas do Povo, dos Governos civis, das Câmaras e da G.N.R., recusas de pegar no trabalho quando os agrários mais precisam de nós — tudo isso terá de ser preparado e lançado nas ocasiões propícias. E já que os senhores deputados fascistas se mostram tão nossos «amigos», por que não fazemos representações à Assembleia Nacional, por que não fazemos concentrações junto dos depu-

tados dos nossos distritos! Estas e outras acções só serão possíveis com uma larga organização de comissões, com a unidade de todos e firme disposição de luta.

Para a frente na reivindicação do abono de família. Entretanto, é preciso unir esta reivindicação à luta por aumento de jornas. Estamos sempre atentos às manobras dos agrários e das autoridades fascistas, e não aceitamos que eles travem as nossas lutas por melhores jornas sob a promessa de concessão de abono. Só continuando a exigir e a conquistar jornas mais altas mostraremos a nossa força, e só assim o abono de família poderá ser um progresso e um benefício real.

Avante, operários da terra! Por melhores jornas, por abono de família! Organizados, unidos e firmes, a vitória será nossa!

Os ranchos contratados para fora...

(continuação de 1.ª pág.)

estejam desunidos para os poderem explorar mais facilmente. Mas o exemplo de luta dado pelo rancho de mulheres na herdade dos Carvalhais, que estiveram 3 dias em greve para conquistarem 3\$00 de aumento de jorna, o de um rancho das Alcáçovas que se recusou a pegar no trabalho por o patrão lhes querer retirar o transporte de as ir buscar e levar à sua terra e baixar a jorna de 30\$00 para 28\$00, dos ranchos que saíram contratados para a herdade do Rio Frio ao exigirem que o patrão lhes pagasse as viagens, são uma prova de que quando lutamos unidos e organizados venceremos.

Nenhum rancho deve sair para fora sem combinar primeiro jorna e condições. Nenhum rancho deve agir isolado, fazer «caixinha», importar-se só com as suas condições. Devemos combinar todos, homens e mulheres, a jorna a pedir e condições de trabalho a exigir, como dormida, transportes, cozinha, água para beber, condições de fazer o avio, etc.

Se o ano passado as trabalhadoras que saíram em ranchos para fora conquistaram jornas de 30\$00 e as que ficaram na sua região 28\$00, este ano, dado o aumento do custo

de vida, devemos lutar pelas jornas de 40\$00 e 38\$00.

A experiência da luta sempre nos ensinou que a condição decisiva para a obtenção da vitória é a existência de uma firme unidade e de uma sólida organização. Desunidos somos fracos e não temos força para impor as nossas condições.

Estabeleçamos contactos e façamos unidade com todos, através de reuniões, de encontros nas Praças de Jorna, nas tabernas, nas Casas do Povo, onde se juntem trabalhadores: Combinemos as jornas e as condições de trabalho a exigir. Formemos as nossas Comissões de Unidade para unir, organizar e dirigir a luta. Estabeleçamos contactos e façamos unidade com os trabalhadores das terras vizinhas através de idas de delegados, cartas, telefonemas, explicando as condições pelas quais estamos a lutar.

Os ranchos devem estar unidos nos locais de trabalho, pois os patrões podem querer «roer a corda», violar o contrato. As Comissões de Unidade devem estar prontas a actuar.

Firmes, unidos e organizados não parámos das nossas lutas sem jornas e condições essenciais por todos!

Auxílio a «O Camponês»

Continuamos a publicar todas as dadas enviadas pelos nossos leitores e amigos.

Abaixo com o capitalismo e o fascismo	10\$00
Acabar com o capitalismo ..	2\$00
Chico Miguel	10\$00
Idem	10\$00
Idem	10\$00
Idem	10\$00
C. J. F.	25\$00
Liberdade	10\$00
Idem	10\$00
Ódio a Salazar	192\$00
«O Camponês» espera pela tua ajuda	30\$00
Idem	30\$00
Idem	5\$00
Pela Reforma Agrária	40\$00
Viva a Liberdade	10\$00
Xavier	2\$50
Total	406\$50

CONVERSA COM A TIA ZEFA

Há coisa de uns dias démos com a tia Zefa à saída do mercado.

—Então, tia Zefa, agora está cá pela cidade?

—Olha o Jerónimo! Se eu te esperava encontrar também...

E depois de sabermos dos meus e dos dela e da vida de ambos, lá lhe disse que andava a fazer um inquérito aos preços.

—Não me digas! Tu trabalhas para esses da Agenda da Praça, para a Televisão?

—Qual, tia Zefa! Isto é mas é para vir no «Camponês»...

—Ah, isso sim! Até dá gosto responder-te. Escuta lá então...

Isto está tudo cada vez pior. Leite, andou aí um tempo em que quase não se via nenhum. O que encontrava até era côr-de-rosa (que mistelas seriam aquelas?) e não havia outro remédio senão comprar um de pacotes, a 5\$80 o litro. Os ovos, que há dois anos estavam a 12\$00 estão agora a 16\$50. As batatas que no ano passado eram a 2\$00 estão agora a 2\$70. O feijão catarino subiu 1\$30, o feijão manteiga 1\$40, o frade 3\$30, o de cana 1\$20, o branco 1\$10 e 1\$90. As farinhas também aumentaram à volta de \$60, as massas e o arroz cerca de \$40. Quanto ao vinho também está mais caro, com aumentos de \$30 a \$80.

—E o peixe, Jerónimo? Ai, nem me fales nisso... Ainda agora venho da praça. Queres saber? Olha, o carapau que antes era tão baratinho estava a 12 e 14\$00. O pargo estava a 22 e 24\$00 e na semana passada já o vi a 30\$00. Ora aqui há um ano podia levar-se pargo para casa a 10\$00 ou pouco mais. A pescada fresca, essa já nem é para nós, está a 30 e 36\$00. Os chocos, imagina! subiram para 12 e 14\$00. E a faneca que se encontrava também a 10\$00 o quilo, só se compra agora a 15\$00.

—É um aumento de 50%, disse-lhe eu.

—Lá os por cento não sei, o que sei é que isto a caminhar assim tem de rebentar. Ai rebenta, Jerónimo! Ou rebenta a gente ou rebentam eles!

—Rebentam eles, tia Zefa, que os faremos rebentar. Mas não se exalte e diga-me cá mais...

—E a carne, filho, a carne! O fgado aumentou desde o ano pas-

sado 7\$00 por quilo, a carne para cozer 4\$00, a de frango também uns 4\$00, a de bife talvez uns 9\$00, e olha que já a vi venderem em talhos daqui a 50\$00! É a de vitela, rapaz! está a 7\$00! —quem pode? Já se diz para aí que até o pão vai aumentar...

—Tudo tem aumentado, tia-zinha. E diga-me cá outra coisa: acha que tem tido muita influência nisso o imposto dos 7%?

—O imposto! Isso é outra história, rapaz! É outra e é sempre a mesma. Olha, tenho um primo que é maleiro, trabalha por conta própria. Tirava aí uns 60 ou 70\$00 por dia. Depois que veio o imposto, de cada vez que ia levar malas ao armazenista descontavam-lhe 7%. O armazenista, zás, juntava ao preço da mala ainda outros 7%, e assim a mala ia para o retalhista, de modo que o cliente passou a pagar mais 7% do que antigamente. Resultado disto tudo: o retalhista fica na mesma ou fica a perder porque se passa a comprar menos; o cliente paga mais 7%, e o pequeno fabricante recebe menos 7%, e são o Governo e o grossista que se amanhão com os ditos 14%, que foram buscar aqueles. Estás tu a ver a marosca?

—Já calculava, sim. Mas... e o que é que nós podemos fazer para nos opormos a esta subida de preços?

—Eu cá, que sempre fui mulher de trabalho e de coragem e tenho olhos para ver, tenho também uma receita que sempre bate certo: lutar, exigir aumentos de salários de acordo com o custo de vida, e pela parte que nos toca mais a nós, mulheres, que somos quem vai às compras, criar comissões de rua, de lugar, ir falar com elas às casas ou nos mercados, e depois impor as nossas condições, a nossa força — a este preço ninguém compra, se o preço não desce fazemos piquete à porta do mercado e ninguém entra, fazemos uma concentração, uma manifestação, um comício, eu sei lá, o que é preciso é começar, é unirmo-nos umas às outras, é criar comissões, muitas comissões. Olha, como diz o «Camponês» que se deve fazer. Ou julgas que eu não leio o jornal para que estás a escrever essa coisa?

Alerta Trabalhadores!

(continuação da 1.ª pág.)

Aboim Inglês, Rogério de Carvalho, Guilherme de Carvalho, Américo de Sousa, Ilídio Esteves, Domingos Abrantes, José Bernardino, José Carlos, Jorge Araújo, Augusto Lindolfo, Adelino P. da Silva; os operários agrícolas José Pacheco, Joaquim Diogo Velez, João Machado, Maria Cabecinha, Custódia Maria; o capitão Varela Gomes e outros amigos do povo e corajosos lutadores pela Liberdade. Para alguns deles, com a saúde seriamente abalada com, P. Jorge, A. Gregório, J. Bernardino, cap. V. Gomes e outros, o desterro para o Tarrafal significa a morte.

O fascismo, cheio de ódio ao povo, prepara a liquidação lenta de alguns dos mais destacados filhos da classe operária e do povo português. Em Julho passado, esse cínico ministro da justiça—Antunes Varela—anunciou num discurso em Anadia que o novo Código Penal prevê a «prisão indeterminada» para os casos políticos. Quer dizer, em substituição das combatidas «medidas de segurança» o governo de Salazar aplica a «prisão indeterminada» que significa os presos ficarem à mercê da PIDE e condenados à prisão perpétua. Dois meses depois o governo publicou um diploma onde diz que as portas do Tarrafal estão de novo abertas, anunciando... «Que as penas ou medidas de segurança aplicadas pelos Tribunais da metrópole ou das ilhas adjacentes sejam executadas nos estabelecimentos prisionais do ultramar...» Todos os trabalhadores do campo, todas as pessoas honradas devem erguer a sua voz firme, devem agir, protestar, lutar contra os propósitos e planos criminosos do salazarismo. Defendamos com energia a vida daqueles que não pouparam nem poupar sacrifícios, inclusive da própria vida, em defesa dos interesses e dos direitos do povo e em defesa da Pátria.

Escrevamos cartas ao P. da República, ao Ministro da Justiça, à Assembleia Nacional, aos governadores civis exigindo que nem um só preso político seja enviado para o Tarrafal! Que seja encerrado o Campo do Tarrafal! Liberdade para os presos políticos! Escrevamos nas paredes Abaixo o Tarrafal! Liberdade!